

A IDENTIDADE DO PROFESSOR E OS CAMINHOS QUE AUXILIAM EM SUA CONSTITUIÇÃO

THE TEACHER'S IDENTITY AND THE PATHS THAT ASSIST IN ITS CONSTITUTION

Lessandro Antônio de Freitas¹

Denise Queiroz Novaes²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar modos de entender a formação docente, bem como refletir sobre a prática pedagógica e suas relações com a constituição da identidade do professor, abordando a dinâmica social da carreira. Elucidamos de modo qualitativo algumas características que constituem a identidade do docente, tendo como base uma entrevista realizada com um professor universitário do sexo masculino. Mostramos, também, que o tema identidade docente é marcado por uma série de questões inerentes ao sujeito, como a cultura. Por fim, concluímos que o professor deve entender os processos de sua formação de modo a não se distanciar do que é ser professor, assim como deve investir em sua formação continuada para exercer sua profissão de forma mais assertiva e coerente.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade docente. Formação de professor. Prática pedagógica.

ABSTRACT

This article aims to present ways of understanding teacher education, as well as reflecting on pedagogical practice and its relations with the constitution of the teacher's identity, addressing the social dynamics of the career. We have qualitatively elucidated some characteristics that constitute the teacher's identity, based on an interview with a male university professor. We also show that the theme of teaching identity is marked by a series of issues inherent to the subject, such as culture. Finally, we conclude that the teacher must understand the processes of his education in order not to distance himself from what it is to be a teacher, as well as he must invest in his continuing education to exercise his profession in a more assertive and coherent way.

KEYWORDS: Teacher identity. Teacher training. Pedagogical practice.

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa; Mestrando em ensino, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: lessandro.freitas@yahoo.com.br

² Doutora em Letras pela PUC Minas. Professora Adjunto IV do Programa de Pós-graduação em Ensino da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: deniseqn@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído sob orientação da professora Denise Queirós Novaes, sendo elaborado durante a disciplina Educação, Sociedade e Construção da Identidade do Professor, do Mestrado em Ensino da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Nele, buscamos discutir questões relacionadas à identidade docente, visto que, diante da complexidade que transcorre o tema, a identidade do professor pode ser considerada como um assunto importante ao debate educacional no que tange à formação docente, já que ela pode ser o cerne para um trabalho educacional efetivo.

A profissão docente abrange situações que vão além do processo de ensino e aprendizagem, porque ser professor é estar consciente de sua conduta humanizadora. A dinâmica social atual exige dos docentes saberes relacionados a diversas áreas, que não contemplam apenas o trabalho escolar propriamente dito. Ser professor é ir além do pragmatismo que, muitas vezes, é encontrado nas escolas.

Ser professor é uma tarefa que tem em sua origem fortes traços das relações humanas, com um olhar sensível em relação ao outro, uma vez que a atuação docente deve centrar-se no outro. Dessa forma, uma maneira de o professor conduzir um bom trabalho se encontra no olhar que ele tem sobre sua própria profissão, ou seja, cabe ao professor entender seu papel de transformação social e compreender processos históricos que constituem os sujeitos e seus espaços socialmente construídos.

Nesse contexto, torna-se importante esclarecer que, ao utilizar o termo trabalho, é necessário distanciar a palavra de sua semântica meramente tecnicista, burocrática e fragmentada, bem como entendê-lo como uma extensão do sujeito que o faz, no qual o sentido atribuído deve ser o de construção coletiva, de aprendizagem conjunta. Logo, em relação ao trabalho docente, deve-se considerar a ideia de atuação do professor, que pensa e age sob sua própria prática e que enriquece o cotidiano dos sujeitos que se deslocam às escolas.

Entretanto, nenhum trabalho docente se tornará efetivo enquanto os professores não se identificarem com sua ação transformadora. Por vezes, o processo de formação e atuação que envolve os docentes pode ser marcado por uma crise de identidade. Assim, surgem algumas indagações, tais como: de que maneira o professor vai se tornar um sujeito de transformação social, posto que ele passa por uma crise de identidade profissional? É possível construir a identidade docente com uma prática pedagógica menos burocrática?

A importância de respostas a esses questionamentos advém da necessidade de apresentar modos e objetivos para entender a formação docente, a prática pedagógica e suas relações com

a constituição da identidade do professor. Para atingir respostas, realizamos uma pesquisa de campo, por meio de uma entrevista com um professor que atua no ensino superior, abordando temas que se relacionam à constituição da identidade docente.

A formação de professores e uma proposta pedagógica libertadora

Refletindo sobre o tema identidade docente, emergem tópicos como a intervenção pedagógica e o contexto de formação do professor. Certamente a identidade do docente se compõe ao longo da atuação do professor, no exercício de seu trabalho. Para Dubar (2012), a identidade profissional pode ser tecida naqueles momentos em que o sujeito se coloca em condições de realizar as atividades relacionadas à sua formação profissional.

De acordo com Coelho Filho e Ghedin (2018), a formação docente não se esgota no momento em que o professor termina seu curso acadêmico, seja ele inicial ou continuado, ela acontece também durante sua intervenção profissional e atuação prática. Além disso, a formação está sempre em reconstrução durante seus atos efetivos como sujeito envolvido com o processo de ensino e aprendizagem e, essa formação, atrelada à atuação docente, auxilia na construção da identidade do professor.

A partir dessas constatações, torna-se importante discutir duas situações: 1- a formação docente no Brasil; e 2- a prática pedagógica, buscando evidenciar novas abordagens e possibilidades de enxergar a ação prática do professor. Para isso, apresentaremos primeiro alguns aspectos envolvendo a formação docente:

Gatti (2010, p. 1356) aponta para vários dados relacionados à formação docente. Dentre eles, há um apanhado sobre os primeiros cursos de formação de professores, seu surgimento e suas características. A autora afirma que:

A formação de docentes para o ensino das “primeiras letras” em cursos específicos foi proposta no final do século XIX com a criação das Escolas Normais. Estas correspondiam à época ao nível secundário e, posteriormente, ao ensino médio, a partir de meados do século XX. Continuaram a promover a formação dos professores para os primeiros anos do ensino fundamental e a educação infantil até recentemente, quando, a partir da Lei n. 9.394 de 1996, postula-se a formação desses docentes em nível superior, com um prazo de dez anos para esse ajuste. É no início do século XX que se dá o aparecimento manifesto da preocupação com a formação de professores para o “secundário” (correspondendo aos atuais anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio), em cursos regulares e específicos.

Sobre a formação docente pelo olhar de uma herança que acompanha a política de formação de professores desde seu início até os dias atuais, Saviani (2011, p. 10) elucida que:

Ao longo dos últimos dois séculos, as sucessivas mudanças introduzidas no processo de formação docente no Brasil revelam um quadro de descontinuidade, embora sem rupturas. A questão pedagógica, de início ausente, vai penetrando lentamente até ocupar posição central nos ensaios de reformas da década de 1930. Mas não encontrou, até hoje, um encaminhamento satisfatório. Ao fim e ao cabo, o que se revela permanente é a precariedade das políticas formativas, cujas sucessivas mudanças não lograram estabelecer um padrão minimamente consistente de preparação docente para fazer face aos problemas enfrentados pela educação escolar em nosso país.

Além disso, a formação docente é marcada por dois grandes fatores, a precariedade e a imagem social da profissão. A precariedade está presente desde as políticas formativas até a trajetória de trabalho dos professores e afeta diretamente os cursos de formação, em virtude do baixo estímulo financeiro ao estudar carreiras de licenciatura e das jornadas de trabalho que dificultam uma formação de longa duração. Ademais, os cursos de formação de professores precisam lidar com a questão da imagem e do valor social da profissão, que normalmente aponta uma desvalorização. Inseridos nesse contexto, os profissionais da educação passam a atuar em sua prática docente (SAVIANI, 2011).

Dados os obstáculos e desafios aos quais o professor é submetido, não se pode ser conivente com as circunstâncias pedagógicas, já que os professores são os sujeitos centrais na mudança desse contexto. Mesmo com tantas adversidades e limitações, oriundas da formação docente, é possível sugerir mecanismos que contornem situações que afetam essa ação profissional como um todo, por exemplo, a formação continuada como uma estratégia de enfrentamento do problema, conforme exposto por Coelho Filho e Ghedim (2018).

As práticas pedagógicas são marcadas por algumas situações que carecem de problematização. Muitas das vezes, o ensino-aprendizagem se caracteriza por um processo simplista de memorização, no qual os alunos devem ter domínio burocrático a respeito dos conteúdos, uma educação bancária, que reforça um sistema de desigualdades na sociedade (FREIRE, 2019). Para Coelho Filho e Ghedim (2018, p. 6), “uma nova prática pedagógica só será possível se o professor souber contextualizar novas situações, criando novas maneiras de articulação dos saberes na construção da docência”.

Assim, a proposta é distanciar a educação de seu viés bancário, rígido e pouco reflexivo, para aproximá-la da atuação docente como uma prática libertadora, crítica, que se reinventa constantemente, que desconstrói e reconstrói sua ação no tempo e na história que cerca a escola e os sujeitos que ali se encontram, agregando suas expectativas, tensões, convicções e seus saberes (FREIRE, 2019).

Portanto, salienta-se que a intervenção na prática pedagógica do professor deve carregar significados que fazem sentido para os alunos. Assim, cabe ao professor entender a história de vida aos alunos, bem como seus trajetos sociais e seus conhecimentos, que se configuram também fora das escolas. Esses conhecimentos são inerentes ao ambiente escolar, visto que estão diretamente ligados ao cotidiano do estudante e à sua forma de se relacionar com a escola e seus sujeitos. Com isso, os professores, no ato de suas práticas, devem considerar o contexto social dos alunos (*idem*).

Torna-se importante ressaltar que, por mais que haja problemas relacionados à prática de ensino, o professor deve carregar consigo a esperança da mudança. Dessa maneira, transformando a realidade de trabalho que o cerca, o docente também se transforma, já que, no ato de ensinar, o professor também aprende. Logo, na ação puramente humana de construir o conhecimento junto aos alunos, o professor se constrói/reconstrói, gerando uma nova identificação em relação a si (*idem*).

Em curso a identidade docente

Conforme o que foi supracitado, a ideia inicial era apresentar os aspectos ligados à formação docente e à prática pedagógica para, depois, entendermos que essas questões fazem parte de um emaranhado de situações que vão de encontro ao tema identidade docente. Isso posto, discute-se a seguir a questão da identidade docente.

Torna-se fundamental discutir quando a identidade docente ganhou espaço nos trabalhos referentes à educação. André e outros (1999) analisaram teses e artigos sobre a temática formação de professores, apontando a existência de pesquisas em várias áreas da formação e identificando o surgimento das investigações direcionadas à identidade docente a partir da década de 1990.

A questão da identidade profissional assume posição relevante a partir de 1990, configurando-se como um dos temas de grande centralidade sobre a formação docente. Consoante a isso, cabe fazer uma definição sobre o que é identidade, que Marcelo e Antunes (2009, p. 112) a definem como:

Uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto.

Para Tardif e Raymond (2000, p. 238), a identidade docente se estrutura através de um conjunto de situações que tecem a condição profissional. Os autores afirmam que:

De acordo com nossas análises, é impossível compreender a questão da identidade dos professores sem inseri-la imediatamente na história dos próprios atores, de suas ações, projetos e desenvolvimento profissional. Nossas análises indicam que a socialização e a carreira dos professores não são somente o desenrolar de uma série de acontecimentos objetivos. Ao contrário, sua trajetória social e profissional ocasiona para eles custos existenciais (formação profissional, inserção na profissão, choque com a realidade, aprendizagem na prática, descoberta de seus limites, negociação com os outros etc.) e é graças aos seus recursos pessoais que eles podem encarar esses custos e suportá-los. Ora, é claro que esse processo modela a sua identidade pessoal e profissional, e é vivendo-o por dentro, por assim dizer, que eles podem tornar-se professores e considerar-se como tais aos seus próprios olhos.

Dessarte, nos cursos de formação inicial, os sujeitos vão construindo suas identidades e, permeados por muitas influências, vão dando significados diferentes ao que é ser professor. Entretanto, esse processo não se restringe somente à formação, porque existe uma relação entre ação pedagógica e construção da identidade desse profissional (BLOCK; RAUSCH, 2014). Ou seja, o professor também se envolve em um processo de consolidação de sua identidade, que deve ser tecida nos momentos em que o docente exerce a sua profissão (COELHO FILHO; GHENDIN, 2018).

Outro aspecto de suma importância é que os professores responsáveis pelo ensino nos anos iniciais, primeiro ao quinto ano, demonstram maior perda da identidade, quando comparados àqueles professores que ministram aulas no ensino médio. Alguns motivos para esse fenômeno foram apontados por Mazzotti (2007), sendo questões como: o maior sentimento de responsabilidade do profissional do ensino nos anos iniciais frente ao fracasso escolar dos alunos e à falta de divisão da docência com outro profissional como acontece no ensino médio.

METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza por um estudo qualitativo, no qual realizamos uma entrevista com um professor universitário, do sexo masculino, abordando o tema identidade profissional. Sobre o método de entrevistas, Duarte (2004, p. 215) afirma que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações

consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

Encerrada a entrevista, fizemos a transcrição do áudio. Após a transcrição, o texto foi revisto para confirmar as informações e para corrigir possíveis erros de transcrição. Posteriormente, executamos a análise das respostas, efetuando a discussão das mesmas (DUARTE, 2004).

DISCUSSÃO

Ao nos debruçarmos sobre a análise da entrevista, é necessário entender que a identidade docente não é um processo que se desenvolve por meio de um único fator, já que suas influências são múltiplas e que a identidade se constitui por um emaranhado de ações. Para Amorin e Fernandes (2017, p. 4613), a “formação inicial, as experiências em sala de aula e no ambiente escolar como um todo e o relacionamento interpessoal com os pares influenciam e passam pelo processo de identidade do professor”.

Durante a entrevista, ao questionar o entrevistado sobre a questão relacionada a fatores que o influenciaram a escolher a profissão de professor, encontramos a seguinte afirmativa; “vocação, dever de ensinar, pessoas muito despreparadas e com uma formação tão deficitária”. Diante de tal afirmação, constatamos que a motivação frente à docência, expressada pelo termo “vocação”, ou seja, chamar para si a identidade com a profissão, é construída antes mesmo dos indivíduos passarem pelos cursos de formação. De encontro a isso, Coelho Filho e Ghedin (2018, p. 3) afirmam que:

A construção da identidade do professor principia, de certa forma, antes do ingresso no nível superior. Ou seja, ela acontece desde a fase inicial de formação devido a observação, análise e convívio escolar com seus professores ao longo do processo formativo básico.

Outra análise relevante nesse estudo trata sobre as experiências marcantes na trajetória profissional como professor. Quando questionado sobre isso, o entrevistado respondeu: “ver alunos e ex-alunos se tornarem grandes profissionais”, portanto, observa-se uma satisfação sobre o trajeto de sucesso de seus alunos. Porém, para alcançar tal possibilidade, o professor deve exercer uma prática pedagógica que potencialize a criticidade dos discentes.

Através disso, é possível identificar a constituição da identidade profissional, pois ela também se dá durante a prática pedagógica, uma vez que o professor põe em prática seus saberes

e suas convicções docentes (COELHO FILHO; GHEDIN, 2018). Ademais, de acordo com Amorim e Fernandes (2017, p. 4622), “ter satisfação no exercício da docência contribui, sem dúvidas, para a criação de formas de identificação positiva com a profissão”.

Ao ser perguntado sobre a necessidade de complementar os estudos após a graduação, o entrevistado respondeu: “sim, justamente para o que, para moldar mais, me lapidar mais ainda, para passar conhecimento mais aprofundado para meus alunos”. Logo, fica nítido o entendimento do professor sobre a necessidade dos cursos de formação continuada com o intuito de se qualificar mais, a fim de aprofundar sua prática no que tange ao ensino. “Precisamos ter presente que a formação inicial constitui o primeiro estágio da formação contínua, a qual deve acompanhar o profissional durante toda a sua carreira e auxiliá-lo a construir sua identidade profissional docente” (COELHO FILHO; GHEDIN, 2018, p. 7).

Quando indagado sobre os fatores que influenciaram as mudanças em sua identidade profissional, o entrevistado retornou ao raciocínio inicial: “é a vocação mesmo, gostar de ensinar, de passar experiência aos mais novos, para outros futuros profissionais que serão meus colegas amanhã”. Neste momento, é fundamental discutir a ideia de vocação frente à profissão de professor, uma vez que, para se tornar um professor, não necessariamente o sujeito deve apresentar a vocação, ou seja, o desejo e o gosto por ensinar. Além disso, se constituir professor amparado na ideia de vocação não é um equívoco, entretanto, cometemos o equívoco de achar que isso transforma o sujeito em professor. Ser professor não está relacionado apenas à ideia da vocação, ser professor é se assumir enquanto profissional, é entender que sua relação se constitui por uma construção ética, como retrata Freire (2019, p. 42):

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assunção de nós por nós mesmos.

Destarte, o entrevistado foi questionado sobre as formas de um profissional se manter atualizado frente às mudanças da sociedade brasileira. Ele apresentou o seguinte trecho como resposta: “se atualizando com cursos de graduação e pós-graduação, mestrado, se dedicar à pesquisa”. Assim, fica nítido que a formação está sempre em movimento, nenhuma formação está acabada, ainda mais frente às mudanças que vivenciamos na sociedade. Sendo que, para enfrentar essas mudanças, cabe ao professor entender que a formação é chave para a discussão das mesmas. Além de posicioná-lo na condição de participar do processo formativo de outros

sujeitos, as mudanças e as especializações geram uma nova forma de se submeter ao processo de ensino e aprendizagem, dando sentido à prática do ser professor (COELHO FILHO; GHEDIN, 2018).

Por fim, indagamos o entrevistado a respeito de quais outras áreas do conhecimento um bom profissional docente deve ter domínio, obtendo como resposta: “sociologia e antropologia, por que estão ligadas diretamente às ciências humanas, à evolução humana”. Assim, percebemos traços intimamente relacionados à questão humana da profissão, tendo em vista que a sociologia discute as questões sociais que cercam a trajetória histórica dos sujeitos, e que a antropologia estuda o sujeito e sua relação com o meio. Diante disso, ser professor é um ato humano, é munir-se de uma ação puramente humana que se reinventa em sua própria ação de ensinar, que entende os processos criticamente e que constrói junto com os sujeitos possibilidades críticas e libertadoras (FREIRE, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que o tema identidade docente é marcado por diversos contextos. As influências frente à identidade docente ocorrem desde o momento em que o professor (em alguns casos antes mesmo de se tornar um profissional) se coloca na condição de sujeito que se relaciona com os fatos sociais. Assim, a identidade e seus processos constituintes afetam: 1- o sujeito professor e sua prática; 2- a formação do sujeito; 3- sua forma de atuar; e 4- o mais belo de sua ação, o ensinar.

A identidade é o próprio sujeito, sua cultura. Com isso, para não se distanciar de sua condição de professor, é necessário que o docente entenda os próprios processos que cercam sua formação e compreenda em quais contextos históricos se fundamenta sua carreira profissional, tendo claro que sua prática pode ser marcada por atitudes que se transformam a todo o momento, ou seja, que sua prática não é algo fixo.

Neste percurso, a identidade está sempre em construção/reconstrução, sendo que, durante várias situações, a identidade do professor está sendo tecida. O professor passa a se ver professor antes mesmo de sua inserção nos cursos de formação, porém, essa formação não esgota a ideia da constituição da identidade do professor. Por fim, a continuidade da carreira, seja na formação ou na atuação prática, submete o professor a processos que vão interferir em suas identificações enquanto sujeito professor.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Aline Diniz; FERNANDES, Maria Jose Silva. A prática docente e a construção da identidade profissional do professor. *In: EDUCERE: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*. 2017. *Formação de professores: contextos, sentido e práticas*, 2017. p. 4613-4626.
- ANDRE, Marli.; SIMÕES, Regina.; CARVALHO, Janete.; BRZEZINSKI, Iria. Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação & Sociedade: ANPED/PNUD*, n. 68, p. 301-309, dez. 1999.
- BLOCK, O.; RAUSCH, R. B. Saberes Docentes: Dialogando com Tardif, Pimenta e Freire. *UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ*, Londrina, v. 15, n. 3, p. 249-254, out. 2014.
- COELHO FILHO, Mateus Sousa; GHEDIN, Evandro Luiz. *Formação de professores e construção da identidade profissional docente*. *In: IV COLBEDUCA e II CIEE*. 2018, Portugal. Colóquio Luso-Brasileiro de Educação, Portugal, 24 e 25, Jan 2018. P.1-15.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba: Editora UFPR, n. 24, p. 213-225. 2004.
- DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Caderno de pesquisa*, v. 42, n. 145, p.351-367, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 62. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e terra, 2019.
- GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educ. Soc*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.
- MARCELO, Carlos; ANTUNES, Cristina. A identidade docente: constantes e desafios. *Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente*, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009.
- MAZZOTTI, Alda Judith. Alves. Representação da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 579-594, out./dez. 2007.
- SAVIANI, Demerval. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. *Póiesis Pedagógica*, v. 9, n. 1, p. 07-19, jan./jun. 2011.
- TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.